



MORANGO

Kim Valentin

Uma breve crônica sobre Morango, a bela menina que ficara para tia. Cujas a qual, o pai não permitia que casasse.

Chamava-se **Morango**. Embora fosse um nome incomum, ela crescera acostumada com as piadinhas que faziam sobre o nome que os pais, hippies dos tempos dourados, haviam lhe dado. Crescera, filha única, em **Laltown**, uma pequena cidade cujos fundadores americanos, refugiados no sul do Brasil, para tal local haviam migrado em 1930. Morango ajeitava os lisos cabelos alourados para longe dos olhos. Ventava naquela sexta-feira e a menina recolhia roupas no varal. O quintal, todo ele, era cercado por uma pequena mureta de pedras muito antigas. E quem por ali passasse, cruzando a longa estrada de terra batida, poderia, facilmente, ver a bela jovem metida em seus trapos, enquanto recolhia as roupas no varal. Era tarde. As nuvens haviam se reunido formando uma só e os ventos, mudando de direção vez por outra, anunciavam o grande temporal que estava por vir.

Um motoqueiro, metido em sua jaqueta preta de couro e quepe feito dum mesmo material, passara por aquelas bandas. A moto em ziguezague, os olhos como que hipnotizados pelas curvas da moça.

- Mas que coisa bela! - dissera o homem com certa elevação na voz, de modo a que a moça pudesse ouvi-lo.

Ela o olhara de soslaio. Como uma gata feroz que não deseja aproximação.

Ele parara o veículo rente a mureta, ajeitara seu quepe e ficara a se deliciar da sombra da grande jabuticabeira.

A jovem, mecanicamente, continuara recolhendo suas roupas. O vento que soprava por baixo, vez por outra levantava seu vestido.

O estranho coçara o queixo barbudo, de modo a admirar as carnes brancas daquela mulher, descendente de holandeses. Era mesmo exuberante. Morango tinha lá sua sensualidade. Oculta entre tantos panos que a vestiam.

Um barulho viera de dentro da casa, e aumentava aos poucos. O motoqueiro se ajeitara em seu transporte e, ligando a moto, saíra em disparada levantando poeira na estrada. Um velho de longos bigodes grisalhos surgira à porta. O olhar nada amigável. Vigia as todas as direções.

- Quem está aí? - Perguntara ele.

Morango o olhara com medo. Ela o respeitava como ninguém naquela casa. Seu pai, o velho Chico do Mato, temido pela vizinhança local, cujos rumores a seu respeito o faziam um dos homens mais respeitados da pequena cidade. Sempre andava armado com facas afiadas e uma velha espingarda socadeira, daquelas cuja o cano largo na ponta, munida com bastante pólvora, permitia usar como munição qualquer coisa que perfurasse a carne. Desde maciças bolinhas de chumbo até caco de vidro, pregos e qualquer outra coisa afiada.

Morango o olhara como quem se depara com um lobo que vigia a alcateia. E então, continuara a recolher cada peça de roupa. Uma por uma, mantinha-se sempre em silêncio diante do pai. Este, por sua vez, pisara alguns passos a mais para fora da casa e nada vira. Em posse da espingarda, se fizera voltar, para o útero negro que era a casa... Envolta por sombras. Morango suspirara profundamente. O olhar se perdera na estrada. Não haviam lágrimas nos olhos. Mas seu coração chorava.